



“A informação nem sempre é a luz”: discursos de professoras sobre sexualidade e saúde após contato com artefatos culturais

“The information is not always the light”: teachers' speeches about sexuality and health after contacting cultural articles

“La información no siempre es la luz”: discursos de los profesores sobre sexualidad y salud después de contactar con artículos culturales

Laís Machado de Souza¹

Professora do Centro Universitário de Ciências e Tecnologia de Jequié, Jequié/BA, Brasil

Marcos Lopes de Souza²

Professor da Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia, Jequié/BA, Brasil

Recebido em: 06/04/2021

Aceito em: 23/04/2021



10.34019/1984-5499.2021.v23.33893

Resumo

Esta pesquisa se debruça sobre as produções discursivas de professoras sobre sexualidade em sua interface com as questões de saúde, acionadas após contato com artefatos culturais, durante espaço de formação continuada sobre o tema. O estudo foi realizado com docentes que lecionam o componente curricular “Educação para a sexualidade” em uma escola municipal do interior da Bahia. O caminho escolhido para alcance do objetivo tem respaldo nas pesquisas pós-críticas; no saber da experiência; na problematização; na compreensão dos materiais educativos enquanto artefatos culturais e na operação com o discurso, tendo como base os estudos foucaultianos. Os principais discursos construídos pelas professoras foram sobre cultura visual na produção de sentidos; da problematização dos conteúdos dos artefatos; e da crítica ao destaque atribuído por eles à informação enquanto elemento primordial das estratégias preventivas na área de sexualidade.

Palavras-chave: Formação de professores. HIV/aids. Materiais educativos.

Abstract

This research focuses on the discursive productions of teachers on sexuality in its interface with health issues, triggered after contact with cultural artifacts, during a space for continuing education on the topic. The study was carried out with teachers who teach the curricular component "Education for sexuality" at a municipal school in the interior of Bahia. The path chosen to reach the objective is supported by post-critical research; in the knowledge of the experience; in problematization; in the understanding of educational materials as cultural artifacts and in the operation with discourse, based on Foucauldian studies. The main speeches constructed by the teachers were about visual culture in the production of meanings; the problematization of the contents of the artifacts; and their criticism of the emphasis they place on information as a primary element of preventive strategies in the area of sexuality.

¹ E-mail: laimachado18@gmail.com

² E-mail: markuslopessouza@gmail.com

keywords: Teacher training. HIV/AIDS. Educational materials.

Resumen

Esta investigación se centra en las producciones discursivas de los docentes sobre la sexualidad en su interfaz con los problemas de salud, desencadenadas luego del contacto con los artefactos culturales, durante un espacio de educación continua sobre el tema. El estudio se realizó con docentes que imparten el componente curricular "Educación para la sexualidad" en una escuela municipal del interior de Bahía. El camino elegido para alcanzar el objetivo se sustenta en la investigación poscrítica; en el conocimiento de la experiencia; en problematización; en la comprensión de los materiales educativos como artefactos culturales y en la operación con el discurso, a partir de los estudios foucaultianos. Los principales discursos construidos por los profesores fueron sobre cultura visual en la producción de significados; la problematización del contenido de los artefactos; y su crítica al énfasis que le dan a la información como elemento primordial de las estrategias preventivas en el área de la sexualidad.

Palabras clave: Formación de profesores. VIH /SIDA. Materiales educativos.

Introdução

A nossa concepção atual de sexualidade, assim como os discursos sobre e a partir dela, é fruto de uma construção histórica. Herdamos e propagamos uma preocupação, enfaticamente disseminada a partir do século XVIII, período no qual o corpo passou a ser concebido para ser cuidado e protegido dos perigos. De acordo com Foucault (1988), a partir desse período a sexualidade foi considerada como sendo naturalmente patológica, daí a necessidade de intervir terapêuticamente sobre ela na tentativa de normatizá-la. Não há, portanto, como negar que a nossa forma de classificar e ordenar a sexualidade atualmente carrega traços históricos marcantes dessa inter-relação construída entre sexualidade e saúde.

Tal associação teve seu estopim com o advento da aids no final do século XX (início da década de 1980), época em que diversos estudos e intervenções com caráter preventivo, higienista e epidemiológico começaram a ser realizados de acordo com o modo essencialista de pensar a sexualidade, focalizando as práticas e comportamentos sexuais em busca de sua normatização e controle (CORRÊA, 1981; PARKER, 1994; PELÚCIO; MISKOLCI, 2009).

Nesse sentido, Luis Henrique Sacchi dos Santos traz à discussão o contexto histórico das estratégias de prevenção ao HIV/aids, recomendadas pela Organização Mundial de Saúde (OMS) e posteriormente adotadas no mundo inteiro. Segundo o autor, países como Suécia, México, Inglaterra, Brasil, dentre outros, passaram a apresentar campanhas de prevenção em massa nos meios de comunicação, especialmente, na televisão. Somente no Brasil foram produzidos e apresentados mais de 70 anúncios televisivos com mensagens de prevenção ao HIV/aids, entre os anos de 1986 e 2000 (SANTOS, 2002).

Atualmente, além do Ministério da Saúde (MS), com suas campanhas prioritárias de prevenção ao HIV/aids e demais Infecções Sexualmente Transmissíveis (ISTs), outras organizações têm feito uso da mídia (televisão, rádio e internet) para divulgar seus materiais com perspectivas para além da prevenção e em consonância com os princípios da promoção da saúde e respeito às diferenças.

Assim, tais elementos midiáticos, utilizados como ferramentas educativas de prevenção ao HIV/aids em diferentes períodos, corroboram com o entendimento desses materiais educativos enquanto dispositivos que participam da constituição de sujeitos e subjetividades, por meio da produção de saberes que se destinam a promover determinada forma de educação, na medida em que ensinam às pessoas modos de ser e estar na cultura em que vivem (FISCHER, 2002). Essa compreensão abrange todos os demais materiais que sejam potencialmente dotados de pedagogia, como filmes, curtas-metragens, materiais escritos impressos ou digitais, revistas, jornais, músicas, dentre tantos outros.

Para contextualizar esse pensamento, trazemos como exemplo os materiais educativos elaborados e utilizados pelas comunidades *gays* por volta da década de 1980 enquanto estratégia preventiva ao HIV/aids. Tais materiais foram elaborados em uma conjuntura de luta e resistências às falidas estratégias que preconizavam a abstinência sexual entre a comunidade LGBTTIA+ com a finalidade de barrar a transmissão do vírus.

Em contrapartida a essa estratégia, a comunidade passou a investir em abordagens preventivas pautadas na possibilidade de redução de riscos investindo, inicialmente, em campanhas direcionadas e relacionadas ao cuidado e responsabilidade pessoal e coletiva por meio do incentivo às combinações e negociações em torno das práticas sexuais; investimentos em atividades e programas de divulgação da cultura *gay*, bem como, elaboração de estratégias educativas sobre os modos de transmissão do/a HIV/aids e, mais tardiamente, divulgação e incentivo do uso do preservativo (PINHEIRO, 2015).

Assim, tais estratégias e materiais educativos surgem em um cenário de lutas e conflitos sociais, políticos, ideológicos e de afirmação das diferenças, evidenciando que além de conteúdos informativos eles também trazem histórias de lutas e resistências e, por isso, podem ser problematizados enquanto dotados de múltiplos significados. É nessa perspectiva que assumimos os materiais educativos sobre sexualidade e saúde utilizados nessa pesquisa como mediadores na formação de professoras, enquanto artefatos culturais. Ancoramo-nos, para tanto, na compreensão dos múltiplos produtos, espaços e práticas, como produtores de significados; assim, instâncias como mídia, família, instituições religiosas, de saúde e a própria escola são dotadas de pedagogia e, portanto, ensinam algo (SILVA, 2009).

Dessa maneira, tomando como base os estudos de Sabat (2001), nos permitimos dizer que o Material Educativo Impresso (MEI), a música e o curta-metragem, utilizados nesse estudo, fazem parte de uma complexa rede de poder existente na sociedade que também estabelece e codifica as possibilidades das sexualidades. E os fatores que perpassam a elaboração e divulgação desses materiais, além de seu conteúdo propriamente dito, fazem com que sejam artefatos culturais importantes nas problematizações sobre sexualidade e saúde, em uma perspectiva sociocultural.

Haeser, Buchele e Brzozowski (2012) destacam algumas características dos materiais educativos que corroboram com o potencial educacional desses artefatos. Os autores os descrevem como ferramentas que precisam refletir os princípios da promoção à saúde e que, quando utilizados de maneira a problematizar as diferentes realidades, amplia o poder e a autonomia de questionar, refletir, decidir e agir das pessoas.

Ao entender o material educativo como artefato que produz, reproduz e divulga significados, assumimos que ele orienta a forma como seus(suas) leitores(as) vivem suas sexualidades. Assim, não dá para negar que nele existe pedagogia, que ele ensina algo sobre sexualidade e sua interface com as questões de saúde. Problematizar esse “algo” enquanto uma construção histórica e cultural, portanto, justifica a escolha de trabalhar com esses materiais na perspectiva dos Estudos Culturais. Nessa pesquisa, busco fazê-los no contexto da formação de professores(as) e sob a ótica dos estudos pós-críticos.

Sobre a formação continuada de professores(as) na área de sexualidade, pesquisas apontam que existe uma carência relatada por parte desses(as) profissionais. Azevedo (2013) defende, nesse sentido, a importância de processos formativos comprometidos com a abordagem da sexualidade para além dos aspectos biológicos e normativos. Promover estratégias criativas, comprometidas e que estimulem a autonomia e a reflexão crítica pode representar um diferencial nesse campo.

Nesse sentido, trazer os artefatos culturais na perspectiva da formação de professores(as) é ao mesmo tempo potente e desafiador. Inúmeras possibilidades discursivas sobre a interface entre sexualidade e saúde podem ser colocadas em movimento, bem como, uma vasta gama de estratégias educativas que podem ser desenvolvidas em sua prática docente a partir dessa experiência. Contudo, para o(a) professor(a), participar de processo formativo sobre esse tema ainda tão carregado de preconceitos e tabus, implica na necessidade de adentrar em um território desconhecido que exige um fazer constante de problematizar e resignificar os próprios discursos e práticas.

O(a) professor(a), nesse sentido, é desafiado(a) a enfrentar um processo de (des)construção e

(des)conhecimento no qual a normalidade das práticas e discursos sobre a sexualidade deve ser confrontada. César (2009, p. 49), afirma que os(as) professores(as) precisam “desestabilizar o conhecimento em nome da liberdade”. Esse processo implica numa mudança de paradigmas.

O objetivo do presente estudo foi analisar os discursos de professoras sobre a interface sexualidade e saúde, durante espaço formativo mediado por artefatos culturais produzidos pelo Programa Nacional de IST/aids do Ministério da Saúde. Essa pesquisa foi pensada e realizada partindo do pressuposto de que dar visibilidade a esses artefatos numa perspectiva problematizadora é também oferecer oportunidades de (re) pensar o processo educativo em sexualidade nas escolas brasileiras.

Analisar os princípios e critérios utilizados pelas professoras na interpretação e problematização desses artefatos, nos leva a refletir sobre suas percepções a respeito da sexualidade e saúde no atual contexto sociocultural. Portanto, essa pesquisa contribui no sentido de conhecer que tipo de relação as professoras estabelecem com esses materiais, que importância atribuem a eles e que análises fazem sobre seu potencial educacional e suas abordagens na área de sexualidade na interface com as questões de saúde.

Esta pesquisa foi inspirada nos estudos pós-críticos. Trata-se de recorte de uma pesquisa concluída no âmbito de mestrado acadêmico em Educação Científica e Formação de Professores, em que buscamos analisar os discursos de professoras da disciplina Educação para a Sexualidade sobre a interface sexualidade e saúde, durante momentos formativos mediados por artefatos culturais de diversos tipos e provenientes de fontes distintas.

Tais espaços formativos, realizados em um total de oito encontros presenciais, foram inspirados no saber da experiência, definido por Larrosa (2014, p. 32) como “o que se adquire no modo como alguém vai respondendo ao que vai lhe acontecendo ao longo da vida e no modo como vamos dando sentido ao acontecer do que nos acontece”.

Considerando a perspectiva assumida nesse estudo, acreditamos que pensar a experiência e o saber da experiência de professoras e seus desdobramentos na prática docente em sexualidade, sob a perspectiva de Jorge Larrosa (2014, p. 32), é o caminho mais propício, uma vez que, para o autor, “a experiência é o que nos passa, o que nos acontece, o que nos toca”, enquanto que o tipo de pesquisa que assumimos nesse estudo diz justamente sobre àquilo que tem a potencialidade de nos inquietar, em síntese, àquilo que põem em movimento as nossas experiências em uma esfera para além do profissional. Encontramos respaldo para essa escolha também em Louro (2007, p. 237), quando defende que “o modo como escrevemos tem tudo a ver com nossas escolhas teóricas e políticas”.

A problematização foi o eixo norteador desses espaços formativos e, segundo Foucault, problematizar não se restringe a questões metodológicas. Implica assumir o caráter político das pesquisas educacionais derrubando as fronteiras entre teoria e prática. Tomar as pesquisas educacionais como uma problematização seria, mais especificamente, uma forma de dar um “passo para trás”, como explica James Marshall:

[...] É o movimento pelo qual alguém se separa do que faz, de forma a estabelecê-lo como um objeto de pensamento e a refletir sobre ele como um problema. Um objeto de pensamento como problema não carrega “bagagem” (i.e., teoria anterior, pressuposições e possibilidades ou indicações de soluções). Questionar significados, condições e metas é, ao mesmo tempo, liberdade em relação ao que se faz. Um sistema de pensamento seria uma história de problemas ou uma problematização. Envolveria o desenvolvimento de um conjunto de condições nas quais possíveis respostas pudessem ser propostas. Mas não se apresentaria como solução ou resposta (MARSHALL, 2008, p. 31).

Dessa forma, o(a) problematizador(a) é aquele(a) liberto(a) de todo e qualquer alicerce em relação ao que é falso ou verdadeiro. De acordo com Vinci (2015, p. 211), esse movimento “implica em recusar qualquer bagagem, teorias ou metodologias de pesquisa, e procurar conhecer o objeto de pensamento naquilo que for possível. [...] Indaga-se sobre como o objeto se apresenta e não o que ele é”.

As três professoras participantes dos espaços formativos, aqui identificadas como Afrodite, Innana e Vênus, atuam na mesma instituição lecionando o componente curricular “Educação para Sexualidade”, disciplina comum à matriz curricular das escolas municipais de uma cidade interiorana, localizada no sudoeste da Bahia. A disciplina em questão surgiu de uma iniciativa municipal e está inserida na matriz curricular desde 2005, sendo ministrada nos anos finais do Ensino Fundamental e na Educação de Jovens e Adultos (EJA). A escola foi uma das três da rede municipal que participaram do projeto piloto para implantação da disciplina que foi incentivado pelo Grupo de Apoio à Prevenção da Aids (Gapa), cujo foco principal, na ocasião, foi a prevenção às IST/aids e à gravidez considerada precoce.

Os materiais educativos utilizados como mediadores desses espaços de problematização foram selecionados a partir da sua compreensão enquanto resultado de produções culturais que (re) produzem modos de ver e conviver no mundo. Nessa concepção, assumimos tais materiais enquanto carregados de significados sociais e, portanto, dotados de significados e pedagogia que nos fizeram tomá-los enquanto artefatos culturais.

Os artefatos intitulados “A informação é a luz” foram utilizados no segundo encontro formativo com as professoras e durante o processo algumas problematizações sobre as abordagens, temas,

qualidade e potencial educativo dos materiais foram realizadas pela mediadora. Ao final desse momento foi solicitado às professoras que fizessem uma síntese geral de suas percepções.

Os resultados desse momento foram gravados em áudio, transcritos, categorizados e analisados tomando o discurso em uma perspectiva foucaultiana. Nesse sentido, entendemos aqui o discurso enquanto uma produção histórica marcada por constantes transformações e descontinuidades e, portanto, não aleatória. O discurso é tomado enquanto objeto por Foucault “buscando a problematização de fatos, práticas e pensamentos que colocam e levantam problemas para as diferentes epistemologias” (SILVEIRA, 2005, p. 13).

Não foi nossa pretensão, contudo, descobrir ou revelar uma verdade oculta por trás dos discursos, pois, de acordo com Foucault e seus estudiosos, não há nada escondido, muito menos uma verdade absoluta. Segundo Fischer (2001), o que acontece é que o próprio discurso põe em funcionamento os enunciados e as relações das coisas ditas. Nesse sentido, o que trazemos aqui é uma análise que busca dar conta das relações históricas e práticas reais que estão presentes nos discursos, no nível da existência concreta das palavras das professoras e não do que, supostamente, estaria escondido, dissimulado ou distorcido neles.

“A informação é a luz”: artefatos culturais voltados à prevenção das ISTs e HIV/aids

Os artefatos, dos quais trata esse estudo, compõem um kit formado por dois materiais de mesmo título: um videoclipe educativo com música temática no formato de *Rap* e um folheto com informações direcionadas aos (às) educadores (as), ambos intitulados: “A informação é a luz”. Esse material resultou de parceria do MS com a Fundação Centro de Atendimento Socioeducativo ao Adolescente – SP (Fundação Casa) por meio da promoção de oficinas temáticas sobre IST e aids, direcionadas aos adolescentes assistidos pela fundação no ano de 2003. As dúvidas e questões levantadas pelos participantes foram transformadas em um *Rap*, que deu origem ao vídeo educativo e ao folheto, ilustrados por grafites realizados nos muros do pátio da própria unidade que foram fotografados digitalmente e animados via computação gráfica.

Esses artefatos trazem informações gerais sobre ISTs e aids em uma perspectiva preventiva. Dentre os destaques podemos salientar as orientações sobre o uso do preservativo masculino; exemplos de sintomas comuns às principais ISTs e enfoque prioritário sobre as formas de transmissão do HIV/aids.

A produção áudio-visual (Figura 1) tem aproximadamente 06 minutos de duração e destacou-se

ao receber o prêmio de Melhor Vídeo Social, na 12ª edição do Gramado Cine Vídeo, além de ser premiado com mais três prêmios no 1º Festival de Jovens Realizadores de Audiovisual do Mercosul, mostra que integrou a 11ª edição do Vitória Cine Vídeo. Os prêmios conquistados foram: Melhor Vídeo/Júri Oficial, Melhor Vídeo/Júri Popular e Prêmio Especial Agência de Notícias dos Direitos da Infância (ANDI).

Figura 1
Trecho do videoclipe “A informação é a luz”



Fonte: <https://www.youtube.com/watch?v=9Vpou3emTQc>

A composição do *Rap* surgiu da parceria dos internos da unidade com o grupo paulista Facção Central, que alcançou grande repercussão devido ao conteúdo de suas composições e à linguagem utilizada, consideradas diretas e, por muitas vezes, agressivas, mas que conquistou muitos seguidores pelo Brasil ao retratar a realidade cotidiana das camadas mais baixas da população.

Com o *Rap*, composto a partir das principais dúvidas dos internos sobre IST/aids, não foi diferente. Utilizando uma linguagem direta e termos de conhecimento popular, o grupo estabelece uma forte associação entre a aquisição de informações e a adoção de medidas de proteção consideradas efetivas. A letra completa do *Rap* é apresentada a seguir:

“A Informação é a Luz”
Facção Central (2003)

A informação é a peça-chave do sexo seguro
Do lado de dentro, do lado de fora dos muros
É quente o ditado: quem vê cara não vê coração
Qualquer relação sem proteção há risco de contaminação
Nunca pense que acontece com os outros e não com você
Sem camisinha ninguém tá imune ao HIV ou DST
DST's são todas doenças sexualmente transmissíveis
Alguns exemplos: hepatite, AIDS, sífilis
Em qualquer forma de sexo descuidado
Se contamina pelo pinto, pela boca, ânus e vagina
Se o sintoma aparecer e desaparecer, cuidado
Isso não significa que você tá curado
Se perceber uma coceira, um cheiro estranho, fedido
Uma ferida, o escurrimto de um líquido
Mano aconteceu e só existe um remédio:
Procurar o auxílio médico

**A informação é a luz, é o abrigo
Tão vital como a água, o batimento cardíaco
É o ar no pulmão, é o sol depois da chuva
É a espada contra o dragão
Seu castelo, sua armadura (Grifos dos autores)**

O HIV não dá pra ver
Ele precisa entrar dentro do corpo pra poder infectar uma
pessoa
E a partir de então vive no sangue, no esperma,
Nos líquidos da vagina e no leite da mãe
Quando a pessoa faz sexo sem camisinha pode acontecer de
Machucar e fazer pequenos cortes no pênis, na vagina,
No ânus ou na boca
São por esses cortes que o HIV pode acabar entrando e
Passando de uma pessoa pra outra
Assim que tiver uma ferida, uma porta de entrada
O HIV entra e infecta a pessoa
**Outra forma de se pegar AIDS é quando o sangue
Entra direto no nosso corpo por uma agulha
Isso pode ocorrer quando se usa a mesma seringa na hora de
se drogar
Depois que a seringa foi utilizada sempre sobra um pouco de
sangue
Quando aplicada novamente o sangue que sobrou é
mandado pra dentro do corpo
Fazendo a contaminação (Grifos dos autores)
Também pode ocorrer na hora de fazer a tatuagem**

Chegou a hora do sexo, a hora H
Siga a regra um: preservativo não pode faltar
Não abra a embalagem com os dentes
Com a mão a parte serrilhada abre facilmente
Depois de aberto olha o lado correto
Aperta o bico, o ar tá aí, esse é o método
O ar faz camisinha estourar igual mina de guerra
É como pisar com força numa bexiga de festa
Segurando o bico põe no pinto a proteção
Desenrole devagar até embaixo com a outra mão
Hoje estar contaminado não é sinônimo de morte
Mas isso não é motivo pra você brincar com a sorte
O corpo pode ser saudável mesmo soropositivo
Faça o teste, o vírus carece de acompanhamento clínico
Só o médico sabe a hora certa dos medicamentos
Viver com AIDS só com tratamento

Não é só no sexo que o HIV é transmitido
**Agulha sem esterilização é prato cheio pro perigo
Compartilhar a mesma seringa pra se drogar é loucura
É o mesmo que fazer roleta-russa (Grifos dos autores)**
Consciência também na hora de se tatuar
Durante a gravidez o neném pode ser infectado
Pelo leite da mãe, pelo parto
Mulher grávida com vírus dá a luz à filho saudável
Fazendo os testes, tomando os remédios e os devidos
cuidados

Não se pega AIDS com talher ou mesmo prato
Nem com picada de pernilongo, pulga ou carrapato
O HIV só vive no corpo, não tá no ar nem na água
Não passa na piscina, no espirro nem na lágrima
**Mais doloroso do que ser portador da doença
É ser vítima do preconceito e da indiferença (Grifos dos
autores)**

**A informação é a luz, é o abrigo
Tão vital como a água, o batimento cardíaco
É o ar no pulmão, é o sol depois da chuva
É a espada contra o dragão
Seu castelo, sua armadura (Grifos dos autores)**

Fonte: <https://www.letras.mus.br/facao-central/1561223/>

Sobre a letra do *Rap* “A informação é a luz”, uma problematização histórico-temporal é necessária. Refere-se à utilização da sigla DTS, que abrevia o termo Doença Sexualmente Transmissível, em desuso desde o final de 2016. A nova denominação foi oficializada no Brasil a partir de determinação do MS que assumiu o termo Infecção Sexualmente Transmissível (IST) como mais adequado, levando-se em consideração a semântica da palavra doença. Esta implica em manifestações de sinais e sintomas, ao contrário da infecção, que nos remete a uma condição que pode ser sintomática ou não, tornando a denominação IST mais eficiente em abarcar a complexidade e diversidade dessas condições de saúde. No período de publicação dos artefatos em análise, a denominação anterior era amplamente utilizada e aceita.

Em relação ao folheto que acompanha o videoclipe, trata-se de um material bem colorido e com muitas ilustrações, presentes também no videoclipe. Algumas delas sobre gladiadores que utilizam o preservativo embalado como escudo, astronautas cujos capacetes são representados por preservativos, imagens representativas de sexo oral, anal e vaginal e outros elementos visuais.

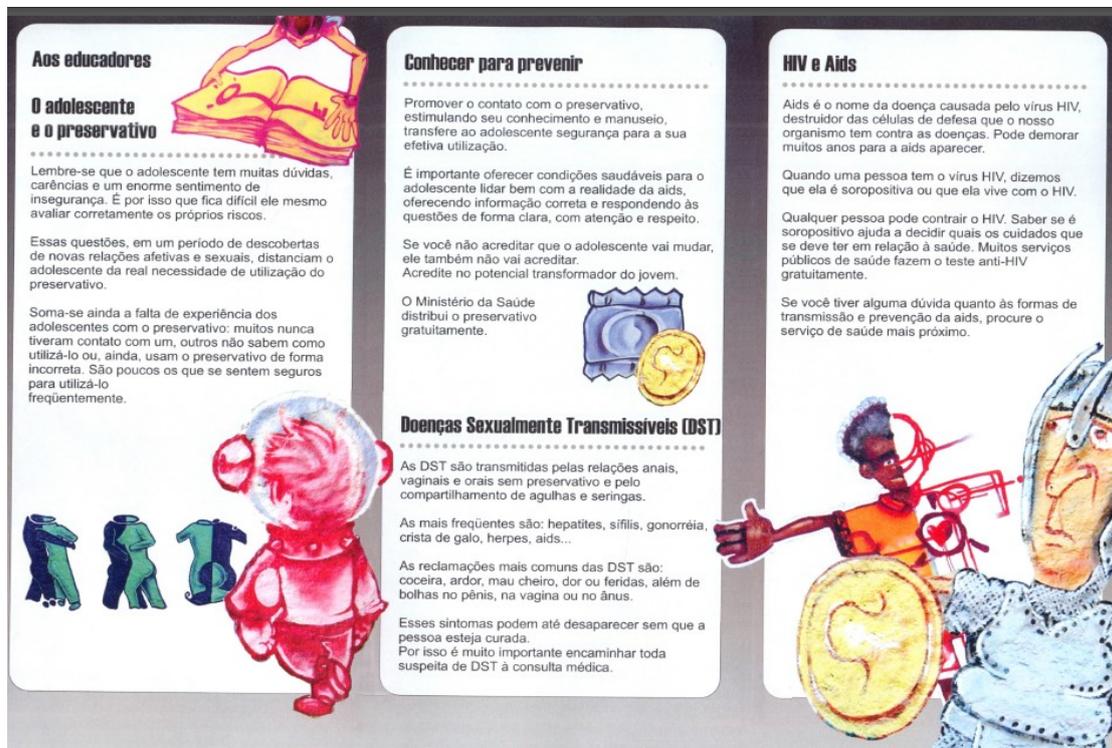
Trata-se de um material bem carregado de informações visuais e textuais voltados aos (às) educadores (as) que enumera as principais dúvidas apresentadas pelos adolescentes em relação à utilização do preservativo e descreve os principais aspectos relacionados à transmissão das ISTs com enfoque no HIV/aids. A última página do artefato traz como encerramento da discussão a seguinte frase: “A informação é nossa maior aliada na luta contra a aids” (Figuras 2 e 3).

Figura 2
Capa do folheto: “A Informação é a luz”



Fonte: Biblioteca virtual do Ministério da Saúde (<http://bvsmms.saude.gov.br/bvs/folder/10006001366.pdf>)

Figura 3
Conteúdo do folheto: “A Informação é a luz”



Fonte: Biblioteca virtual do Ministério da Saúde (<http://bvsmms.saude.gov.br/bvs/folder/10006001366.pdf>)

“A informação é nossa maior aliada na luta contra a aids”: discussões e problematizações sobre sexualidade e saúde a partir de artefatos culturais

Após contato com os materiais descritos acima, Inanna, Afrodite e Vênus colocaram em discurso aspectos potentes e limitantes dos artefatos na produção de conhecimentos sobre IST e HIV/aids e na produção de sentidos na área de sexualidade em sua interface com as questões de saúde.

O primeiro destaque considerado potente, trazido pelas professoras, foi a linguagem visual presente no videoclipe e no material impresso. As metáforas utilizadas pelos artefatos, ao trazerem grafites correlacionando o preservativo masculino às roupas de proteção utilizadas por astronautas e ao escudo de um guerreiro, por exemplo, produziu um impacto positivo nas professoras, que enxergaram nos materiais educativos, a oportunidade de despertar o interesse dos estudantes pelas mensagens preventivas veiculadas por eles. Inanna sintetiza a sua percepção sobre o conteúdo escrito e visual do artefato ao afirmar:

é um material interessante porque ele traz alguns sintomas, de forma bem resumida, que a gente pode estar identificando em algumas IST. Aqui o que eu mais achei interessante foram as imagens. Ele é bem ilustrativo. Bem colorido. (Inanna)

A percepção das professoras, sintetizadas na fala de Inanna, chama a atenção para importância da cultura visual dos materiais educativos em sexualidade na construção de significados, na medida em que, diz muito sobre determinado tempo e espaço e suas respectivas culturas, bem como, sobre as subjetividades de quem as vê e interpreta. E isso nos faz compreender o material educativo e a mensagem que ele veicula como incapazes de produzir significações únicas em contexto e vivências socioculturais distintas. Nesse sentido, Anderson Ferrari (2010, p. 177) afirma que:

a imagem nos constitui, nos constrói, educa nosso olhar, nossas formas de ver e de pensar, de forma que ela passa a ser o ponto central nesses processos na medida em que servem para construir significados que são produzidos em meio a contextos culturais.

Ferrari e Castro (2016, p. 8) salientam ainda que a cultura visual tem ganhado espaço nos currículos de instâncias educativas como escolas e universidades que compreendem a “relação das imagens com a constituição dos sujeitos”. Ponderamos, portanto, que apesar das imagens presentes nos artefatos carregarem uma intencionalidade, os usos e interpretações que o(a) telespectador/leitor(a) faz delas diz muito sobre a relação que é construída nessa interação.

Nesse ponto, estamos nos referindo a modos de endereçamento. É possível questionar, por

exemplo, com que intencionalidade esse artefato foi produzido? Para que público foi pensado e elaborado? Quem esse artefato “pensa” que o(a) seu(sua) leitor/telespectador(a) é? Fazemos menção aqui ao texto de Ellsworth (2001), que trabalha os modos de endereçamento enquanto uma teoria do cinema que pode ser também direcionado à educação, aos estudos culturais à psicanálise. De acordo com a autora,

não importa quanto o modo de endereçamento do filme tente construir uma posição fixa e coerente no interior do conhecimento, do gênero, da raça, da sexualidade a partir da qual o filme ‘deve’ ser lido: os espectadores reais sempre leram os filmes em direção contrária a seus modos de endereçamento, ‘respondendo’ aos filmes a partir de lugares que são diferentes daqueles a partir dos quais o filme fala aos receptores (ELLSWORTH, 2001, p. 31).

Isso ocorre porque tanto em relação ao filme quanto ao material educativo, “o evento do endereçamento ocorre num espaço que é social, psíquico, ou ambos” (ELLSWORTH, 2001, p. 13). Outra fala de Inanna durante as discussões ilustra essa relação, por vezes conflituosa, entre o endereçamento do material e as posições de sujeito. A professora, em certo momento, relatou receio de trabalhar os artefatos em sala de aula devido à interpretação que fez em relação às imagens de um jovem negro que aparece tanto no folheto quanto no videoclipe. Neste último, a imagem é projetada rapidamente durante o trecho do *Rap que diz: é quente o ditado: quem vê cara não vê coração. Qualquer relação sem proteção há risco de contaminação.*

Innana, a partir da leitura dessa imagem, considerou que ela denotava um contexto de preconceito, justificando que o modo como o jovem aparecia vestido o reduzia a uma condição de marginalização que poderia, inclusive, “causar uma situação” em sala de aula. Vênus e Afrotite não tiveram a mesma percepção sobre a imagem, que não foi sequer citada por elas. Nesse sentido, consideramos que a interpretação que a docente fez da imagem diz respeito à sua visão de mundo, aos seus conhecimentos sobre os acontecimentos socioculturais e das lutas pelo reconhecimento da igualdade racial e pela afirmação das diferenças na sociedade atual, ainda que o modo de endereçamento do artefato com a utilização da imagem, não tenha sido, necessariamente, essa.

Apesar de apontar a questão supracitada como uma fragilidade dos materiais, Innana se mostrou, especialmente, interessada pela abordagem dos artefatos, que na opinião da professora, se debruça sobre aspectos preventivos, para além da proteção durante as relações sexuais, o que outros materiais não dão tanta ênfase. Sobre isso ela comenta:

Ele (o videoclipe) problematiza aquela questão sobre as outras formas de contágio. Traz essa parte sobre agulhas e seringas contaminadas e isso é uma coisa séria. Às vezes a gente não leva em consideração, mas ainda há muitos usuários de drogas que tem o hábito de compartilhar. (Innana)

A professora Inanna também foi a única a evidenciar a orientação sobre o não compartilhamento de agulhas e seringas entre usuários de drogas injetáveis como uma potência dos artefatos. Afrodite, ao comentar sobre o tema, o fez enquanto crítica aos materiais que, em sua percepção, pareciam ser tendenciosos; como se dessem a entender que o uso das drogas é tolerado, contanto que os materiais utilizados para esse fim sejam estritamente pessoais.

Percebemos, nesse sentido, que a identificação que Inanna demonstrou com a abordagem feita pelo material, bem como, seu entendimento sobre a necessidade de colocar o tema em discurso na escola, dialoga com as propostas das políticas de Redução de Danos (RD) relacionadas ao uso de drogas, ainda vigente no Brasil, por ocasião da realização dessa pesquisa. A RD foi reconhecida enquanto intervenção preventiva que deveria ser incluída entre as medidas a serem desenvolvidas no combate às drogas no Brasil, a partir de 2002 com a publicação do Decreto n.º 4.345, de 26 de agosto de 2002 que foi, posteriormente, revogado pelo Decreto n.º 9.761, assinado pelo Presidente da República no dia 11 de abril de 2019.

Adotada anos antes por diversos países, nos quais permanece vigente atualmente, a RD surgiu da necessidade de controle dos casos de HIV/aids entre usuários(as) de drogas injetáveis, embora tenha, posteriormente, ampliado seu objetivo no sentido de minimizar possíveis conseqüências biológicas, psíquicas, sociais e econômicas para os(as) usuários(as) dessas substâncias (INGLEZ-DIAS *et al.*, 2014).

Apesar de reconhecer o abandono do uso dessas substâncias como ideal a ser alcançado, é importante compreender que a RD não se propõe a condicionar a atenção à pessoa que usa drogas à exigência de uma atitude que ela não sente necessidade ou não consegue realizar. Nesse sentido, propõe uma série de estratégias voltadas à minimização dos riscos associados que incluem troca de agulhas e seringas usadas por novas, ações educativas, ofertas de tratamentos adequados, aconselhamento, realização de testagem sorológica para HIV, dentre outras.

Embora haja divergências de opiniões sobre a disponibilização de seringas e agulhas estéreis para os(as) usuários(as) enquanto uma estratégia de redução de vulnerabilidade, pesquisas apontam que países que adotaram tal estratégia no contexto da RD, apresentaram resultados positivos na diminuição do consumo e não observaram aumento no número de usuários(as) (FONSECA *et al.*, 2006; BRAVO *et al.*, 2007).

Nós, assim como diversos especialistas da área da saúde, psicologia e direitos humanos consideramos a revogação do Decreto nº 4.345/2002 um retrocesso que tem levado ao sucateamento da Rede de Atenção Psicossocial e dos Centros de Atenção Psicossocial – álcool e outras drogas (Caps

AD). E na condição de educadores(as) e pesquisadores(as) em educação, preocupamo-nos também com os desdobramentos de tal retrocesso nas escolas, uma vez que, se falar abertamente sobre o compartilhamento de seringas com o respaldo de uma política vigente já parecia incomodar duas das professoras participantes desse estudo, podemos refletir sobre o quanto a falta desse respaldo pode culminar no silenciamento de professoras e professores, que assim como Inanna, acreditam nas contribuições dessa estratégia para a redução da vulnerabilidade de jovens e adolescentes escolares às IST/aids.

Sobre a escola e os seus silenciamentos, Louro (2000, p. 21) afirma que quando se trata de sexualidade, ela se caracteriza enquanto “o lugar do desconhecimento e da ignorância”. Tomando como ponto de partida a fala da autora, conseguimos pensar sobre o quão forte pode ser a ignorância assumida nos espaços escolares quando o tema gerador das questões sobre sexualidade é outro tão cheio de tabus quanto o primeiro, como é o caso dos temas relacionados ao uso de drogas. Nesse sentido, discutir a educação para a sexualidade na sua interface com as questões de saúde exige ultrapassar os limites do conhecimento biológico e problematizar os aspectos sociais, políticos e econômicos que perpassam a produção de conhecimentos na escola.

Inanna, Afrodite e Vênus parecem compreender a necessidade de levar em consideração os diversos fatores supracitados no processo educativo em sexualidade, e suas falas, questionamentos sobre os materiais e relatos de experiências vividas corroboram com essa nossa percepção. Afrodite, por exemplo, compartilhou uma situação vivenciada com uma de suas alunas para justificar o questionamento que fez sobre a estratégia principal dos artefatos ao fazer analogia entre a informação e a “luz”.

Tenho uma aluna que agora está na EJA. Ela me mostrou no celular o resultado positivo de um teste de gravidez de farmácia que ela tinha feito. Ela procurou apoio em mim e eu perguntei se o namorado dela já sabia e ela disse que ainda não. Aí eu dei todas as orientações pra ela; sobre fazer o teste de sangue no laboratório, sobre conversar com os pais, essas coisas. Ela não veio essa semana pra eu ver como ela está. Na semana passada ela estava tão triste... Mas, era uma menina que participava das aulas e que tinha conhecimento sobre gravidez, sobre doenças e sabia que precisava usar o preservativo, mas, por ter uma relação séria com o rapaz, ela resolveu não usar. E aí é isso: ela tem informação, mas ficou vulnerável à gravidez e às doenças também. (Afrodite)

A professora considerou que o termo foi utilizado equivocadamente, visto que essa metáfora leva à compreensão da informação como único e eficiente caminho para a prevenção às IST/aids, desconsiderando outras importantes variáveis. Ela salienta, nesse sentido, que a informação não é a luz, afinal, a sua aluna tinha posse das informações, mas ainda assim, estava vulnerável. Essa percepção foi

compartilhada também por Vênus ao tecer críticas aos artefatos:

A informação nem sempre é a luz se você não afeta a pessoa não é? Você dá informação para que ela se aproprie daquilo ou busque mais. Então, a informação não é suficiente, mas ajuda. Então depende muito de como você passa a informação. Realmente, a partir da informação você pode fazer escolhas. Mas, ele pode achar que tendo informação vai ter a solução para tudo. (Vênus)

O título do artefato, alvo das críticas de Afrodite e Vênus, já denota uma forte característica desse material enquanto focado no biológico e, portanto, com uma abordagem individual centrada no risco. Em nossa leitura, ao afirmar que a informação é a luz, a mensagem que fica implícita é a de que ao ser informada, a pessoa, certamente, tomará atitudes consideradas corretas para sua saúde e esse seria o segredo para a eficácia da estratégia preventiva. Ao se apropriar desse discurso, o material deixa clara a sua base fundamentada em referenciais biomédicos na qual atribui à esfera individual a responsabilidade pelo processo saúde-doença; noção que vai de encontro aos novos referenciais de promoção da saúde. E Afrodite e Vênus reconheceram essa fragilidade.

Luis Henrique Sacchi dos Santos e Dora Lúcia Oliveira (2006), ao fazerem referência em seu trabalho a alguns materiais de campanha contra o HIV/aids produzidos entre 1991 e 2000, confirmam o quanto as abordagens do risco para o vírus/doença continuam seguindo o referencial biomédico e sendo orientadas por um viés individualista quando se trata da abordagem preventiva. E apesar de esses artefatos terem sido produzidos em 2003, essa ainda era e continua sendo a realidade de produção de muitos materiais educativos sobre sexualidade e saúde.

O autor e a autora ainda destacam que a abordagem individual da educação em saúde investe num modelo preventivo baseado na persuasão (prescrições de profissionais de saúde) de indivíduos, considerando que a partir disso eles(as) adotem modos de vida tidos como mais saudáveis. É justamente essa ideia que Afrodite e Vênus problematizam em suas falas. Elas questionam a informação enquanto luz por dois motivos: por entenderem que não adianta ter informação se essa não for de qualidade e voltada à realidade do(a) estudante e que a informação por si só não é o suficiente no contexto das estratégias preventivas.

Ao colocar em evidência tal situação podemos identificar nas falas das professoras um discurso que traz à tona um entendimento diferente dos processos educativos em sexualidade tradicionais. Consideramos interessante ressaltar tal construção discursiva, tendo em vista que a valorização do biológico e da abordagem individualista é algo que surgiu em outros momentos nas falas das professoras nessa pesquisa. Portanto, colocar em evidência as tentativas de escapes das professoras é importante no

sentido de mostrar que, para além dos inúmeros desafios que o processo educativo em sexualidade ainda enfrenta, já existe, se não de forma geral, ao menos relances no meio do corpo docente de uma nova forma de educar para a sexualidade e saúde levando em consideração também os fatores socioculturais.

Quando Afrodite critica os materiais, especialmente o título, conseguimos vislumbrar traços de autonomia e liberdade em seu discurso. E ao falar em liberdade, o fazemos compreendendo-a como sendo “concreta, cotidiana e alcançável nas pequenas revoltas diárias, quando podemos pensar e criticar o nosso mundo” (VEIGA-NETO, 2016, p. 22).

E esse exercício de repensar as práticas em que foram constituídas também mantém íntima relação com o saber da experiência discutido por Jorge Larrosa e que serviu de base para o desenvolvimento dos momentos formativos. A liberdade de tecer críticas às supostas verdades que estão dadas não surge no discurso das professoras de um momento para o outro, como se brotasse de onde não havia nada; ele tem a ver com o que elas fizeram com aquilo que lhes aconteceu, ou seja, a partir de suas experiências.

Algumas provocações

Os resultados desse estudo nos permitiram reconhecer a importância da cultura visual na problematização das verdades produzidas no interior dos saberes sobre sexualidade e saúde e na (re)construção de conhecimentos sobre o tema, especialmente, quando aplicadas à formação de professores(as). Discussões importantes como os modos de subjetivação implicados nas diferentes maneiras de atribuir significados aos artefatos; os perigos do investimento excessivo nos aspectos preventivos das doenças e agravos associados às práticas sexuais desprotegidas, focados apenas no conhecimento biológico; e a iniciativa de (re)pensar o processo educativo em sexualidade a partir da própria experiência; todas se fizeram ainda mais potentes a partir do trabalho com os artefatos culturais.

Por muitas vezes, durante o encontro formativo, as professoras exercitaram a liberdade de acionar as vivências que as constituem enquanto sujeitos de experiência para colocar em questão determinados aspectos dos materiais. Afrodite e Vênus, por exemplo, subvertem quando questionam o destaque atribuído pelo artefato à informação enquanto estratégia autossuficiente para garantir a adoção de medidas preventivas efetivas em relação às ISTs. Inanna, por sua vez, demonstra compreender a necessidade de uma abordagem preventiva articulada com outros contextos de

vulnerabilidades sociais, ao chamar atenção para a importância de falar sobre o compartilhamento de agulhas e seringa no uso de drogas injetáveis, que foi abordado nos artefatos.

Nesse sentido, os artefatos culturais, enquanto estratégias utilizadas nesses espaços formativos, evidenciaram duas faces de uma mesma moeda nos discursos das professoras: de um lado, o que reproduz o que foi culturalmente construído sobre a educação para a sexualidade em sua interface com as questões de saúde e do outro, o que questiona: Como nossas subjetividades interferem nos discursos de “verdades” sobre a sexualidade que reproduzimos na escola? E como esses discursos podem estar implicados nas próprias leituras e interpretações que fazemos desses materiais?

Assim, consideramos que o investimento na reflexão, criticidade e problematização tanto das ferramentas educativas quanto das práticas, conhecimentos e valores que nos constituem enquanto professores(as) que educam para a sexualidade, precisa ser o eixo central das propostas formativas comprometidas com a abordagem sociocultural da sexualidade, inclusive, no que diz respeito às questões de saúde.

Por fim, refletindo sobre os discursos das professoras após contato com os materiais, também consideramos relevante tecer algumas provocações tanto sobre os artefatos quanto sobre os discursos. Inicialmente, é importante questionar os impactos gerados pelo suposto poder atribuído à informação enquanto ferramenta que ilumina os caminhos e que arranca a pessoa da ignorância, afinal, se a informação é sempre vista como luz a ela não cabem questionamentos. Então, até que ponto a informação também não tem servido como ferramentas de silenciamento que geram aumento de vulnerabilidade nas escolas? E sobre os materiais educativos produzidos após o Decreto nº. 9.761/2019 que revoga a política de RD no Brasil, é possível afirmar que a produção discursiva presente nesses artefatos representam luz em relação à diminuição das vulnerabilidades às ISTs/aids para as pessoas que fazem uso de drogas injetáveis?

Sobre os discursos das professoras em relação ao artefato, será que é prudente assumir que os artefatos utilizados no espaço formativo realmente não levam em consideração outras perspectivas socioculturais em sua estratégia preventiva? A utilização do *Rap* como instrumento de veiculação da mensagem; a própria imagem do garoto negro em situação de vulnerabilidade, percebida por Inanna; a contextualização das ISTs/aids com o uso de drogas; e a utilização da cultura de rua representada pela arte do grafite já não denotam algum tipo de preocupação com os aspectos socioculturais na construção do conhecimento? Será que esses artefatos produzidos em 2003 também não subvertem sociopoliticamente ao evidenciarem menores infratores enquanto protagonistas de estratégias preventivas?

Referências

AZEVEDO, Suse Mayre Martins Moreira. **Estudo Investigativo da disciplina educação para a sexualidade em escolas da rede municipal de Jequié-BA**. 144f. Dissertação (Mestrado em Educação) – Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia, Jequié-BA, 2013.

BRASIL. **Decreto nº 4.345 de 26 de agosto de 2002**. Institui a política nacional antidrogas e dá outras providências. Disponível em: https://legislacao.presidencia.gov.br/ficha?/legisla/legislacao.nsf/Viw_Identificacao/DEC%204.345-2002&OpenDocument. Acesso em: 05 abr. 2021.

BRASIL. **Decreto nº 9.761, de 11 de abril de 2019**. Aprova a Política Nacional sobre Drogas. Disponível em: <https://www.gov.br/cidadania/pt-br/aceso-a-informacao/legislacao/decreto-no-9-761-de-11-de-abril-de-2019-1>. Acesso em: 04 abr. 2021.

BRAVO, Maria J.; ROYUELA, Luis; BARRIO, Gregorio; FUENTE, L.; SUAREZ, M.; BRUGAL, Maria Tereza. More free syringes, fewer drug injectors in the case of Spain. **Soc Sci Med**, v. 65. p. 1773-1778. 2016. Disponível em: [http://linkinghub.elsevier.com/retrieve/pii/S0277-9536\(07\)00266](http://linkinghub.elsevier.com/retrieve/pii/S0277-9536(07)00266). Acesso em: 04 abr. 2021.

CESAR, Maria Rita de Assis. Gênero, sexualidade e educação: notas para uma "Epistemologia". **Educ. Rev.**, Curitiba, n. 35, 2009.

CORREA, Mariza. Repensando a família patriarcal brasileira. **Cadernos de Pesquisa**, São Paulo, n.37, p. 5-16, maio. 1981.

ELLSWORTH, Elizabeth. Modos de endereçamento: uma coisa de cinema; uma coisa de educação também. In: SILVA, Tomaz Tadeu da. (org). **Nunca fomos humanos: nos rastros do sujeito**. Belo Horizonte: Autêntica, 2001.

FERRARI, Anderson. Pra que time ele joga? Cultura visual e educação: contribuições para o trabalho com as homossexualidades. In: SEMINÁRIO ACADÊMICO APEC AMÉRICA LATINA: DIÁLOGOS POSIBLES, 15., 2010, Barcelona, ES. **Actas...** Barcelona: Creative Commons, 2010, p. 173-180.

FERRARI, Anderson; CASTRO, Roney Polato de. Como as imagens nos educam para os gêneros e as sexualidades? Cultura visual e formação docente. **Revista Linhas**, Florianópolis, v. 17, n. 34, p. 8-27, maio/ago. 2016. Disponível em: <https://www.revistas.udesc.br/index.php/linhas/article/view/1984723817342016008>. Acesso em: 05 abr. 2021.

FISCHER, Rosa Maria Bueno. O dispositivo pedagógico da mídia: modos de educar na (e pela) TV. **Educação e Pesquisa**, São Paulo, v. 28, n. 1, p. 151-162, jun. 2002.

FONSECA, Elize Massard da; RIBEIRO, José Mendes; BERTONI, Neilane; BASTOS, Francisco.I. Syringe exchange programs in Brazil: preliminary assessment of 45 programs [Internet]. **Cad. Saúde Pública**, Rio de Janeiro, v. 22, n. 4. p. 761-770, 2006. Disponível em: <http://ref.scielo.org/t4kkxt>. Acesso em: 04 abr. 2021.

FOUCAULT, Michel. **História da sexualidade 1: a vontade de saber**. Rio de Janeiro: Graal, 1988.

HAESER, Laura de Macedo; BÚCHELE, Fátima; BRZOZOWSKI, Fabíola Stolf. Considerações sobre a autonomia e a promoção da saúde. *Physis Revista de Saúde Coletiva*, Rio de Janeiro, v. 22, n. 2, p. 605-620, 2012.

INGLEZ-DIAZ, Aline; MENDES, Ribeiro José; BASTOS, Francisco I.; PAGE, Kimberly. Políticas de redução de danos no Brasil: contribuições de um programa norte-americano. *Ciência & Saúde Coletiva*, Rio de Janeiro, v. 19, n. 1, p. 147-157, 2014.

LARROSA, Jorge. **Tremores: Escritos sobre a experiência**. 1. ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2014.

LOURO, Guacira Lopes. Conhecer, pesquisar, escrever... **Educação, Sociedade & Culturas**, Porto, Portugal, v. 25, 2007.

LOURO, Guacira Lopes. Pedagogias da sexualidade. *In*: LOURO, Guacira Lopes. (org.). **O corpo educado**. Belo Horizonte: Autêntica, 2000.

MARSHALL, James. Michel Foucault: pesquisa educacional como problematização. *In*: PETERS, Michael A.; BESLEY, Tina. (orgs.). **Por que Foucault?** novas diretrizes para a pesquisa educacional. Porto Alegre: Artmed, 2008.

PARKER, Richard. **A construção da solidariedade: AIDS, sexualidade e política no Brasil**. Rio de Janeiro: Abia, IMS-UERJ, Relume-Dumará, 1994.

PELÚCIO, Larissa; MISKOLCI, Richard. A prevenção do desvio: o dispositivo da aids e a repatologização das sexualidades dissidentes. **Sexualidad, Salud y Sociedad** - Revista Latinoamericana, n. 1, Rio de Janeiro: CLAM-UERJ, 2009.

PINHEIRO, Thiago Félix. **Camisinha, homoerotismo e os discursos da prevenção ao HIV/Aids**. Tese (Doutorado em Medicina) – Universidade de São Paulo, São Paulo, 2015.

SABAT, Ruth. Pedagogia cultural, gênero e sexualidade. **Revista Estudos Feministas**, Florianópolis, SC, v. 9, n. 1, p. 4-21, 2001.

SANTOS, Luis Henrique Sacchi dos; OLIVEIRA, Dora Lúcia C. L. Gênero e risco de HIV/AIDS nas campanhas de educação em saúde através da mídia. **Anais da 29ª reunião da Anped**, 2006.

SANTOS, Luiz Henrique Sacchi dos. **Biopolíticas de HIV/AIDS no Brasil: uma análise dos anúncios televisivos das campanhas oficiais de prevenção (1986-2000)**. Tese (Doutorado em Educação) – Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2002.

SILVA, Tomaz Tadeu da. **Documentos de identidade: uma introdução às teorias do currículo**. 3. ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2009.

SILVEIRA, Rosa Maria Hessel. A entrevista na pesquisa em educação: uma arena de significados. *In*: COSTA, Marisa Vorraber. **Caminhos investigativos II: outros modos de pensar e fazer pesquisa em educação**. Rio de Janeiro: Lamparina Editora, 2007.

VEIGA-NETO, Alfredo. **Foucault e a educação**. 3. ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2016.

VINCI, Christian Fernando Ribeiro Guimarães. A problematização e as pesquisas educacionais: sobre um gesto analítico foucaultiano. **Filosofia e Educação [rfe]**, Campinas, SP, v. 7, n. 2, p. 195-219, jun./set. 2015.